

**ATRIBUIÇÕES SOBRE COMPORTAMENTOS DELINQUENTES
E USO DE DROGAS
NA POPULAÇÃO PRISIONAL PORTUGUESA (*)**

JORGE NEGREIROS DE CARVALHO(**)

Este artigo procede a uma caracterização e análise da relação droga/crime, tomando como referência o exame das atribuições causais relativas ao uso de drogas e comportamento delinquente numa amostra de trezentos e sessenta e dois reclusos provenientes de diversos estabelecimentos prisionais portugueses. Os resultados indicam diferenças substanciais quando se comparam as respostas dos reclusos consumidores de drogas com as dos sujeitos que não tiveram qualquer envolvimento anterior com essas substâncias. Diferenças importantes emergem igualmente quando se examina o padrão de respostas dos sujeitos consumidores e não consumidores de substâncias psicoactivas para interpretar a relação consumo de drogas/comportamento delinquente. Discutem-se, por último, algumas implicações para a intervenção psicológica dos resultados deste estudo.

A relação entre o consumo de álcool e drogas e a delinquência tem sido amplamente investigada, particularmente a partir dos anos 80, altura em que o uso daquelas substâncias aparece cada vez mais associado à prática de comportamentos delinquentes.

(*) Estudo subsidiado pelo Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga

(**) Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da U. P.

No que diz respeito ao álcool, admite-se, dum modo geral, que o consumo desta substância está relacionado com a execução de crimes, sendo tal relação explicada com base num efeito de desinibição através do qual o abuso desta substância facilitaria a emergência de “comportamentos sexuais ou agressivos normalmente controlados pelos constrangimentos sociais” (Welte e Miller, 1987).

Já no que se refere ao abuso de drogas ilícitas, diversos estudos sustentam a posição segundo a qual a prática de crimes, particularmente contra a propriedade, decorre da necessidade do toxicodependente obter proventos que lhe permitam manter os hábitos de consumo.

De qualquer modo, a emergência de diversas formulações teóricas/conceptualizações elaboradas para explicar a ligação droga/crime ilustra claramente as dificuldades em conceber uma perspectiva integrada dos factores que mediatizam aquela relação.

Com efeito, enquanto alguns estudos sugerem que a delinquência precede o uso de drogas (e.g., Dishion et al., 1988; Farrow & French, 1986), outros autores defendem a existência de uma relação causal entre o comportamento delincente e o uso de drogas, para outros o consumo de álcool e drogas bem como a prática de actos delinquentes constituem manifestações concomitantes de um envolvimento num estilo de vida desviante; para outros autores, finalmente, (e.g., Jessor et al., 1980) o uso de drogas e a delinquência teriam subjacente um factor comum não especificado.

Investigações recentes (e.g., Kandel et al., 1986; Dishion et al., 1988), parecem igualmente demonstrar que o uso de drogas e a delinquência poderão constituir respostas diferentes a problemas similares como a depressão, conflito familiar, desorganização comunitária ou ausência de uma ligação a papéis convencionais.

Menos investigadas têm sido as percepções dos motivos que

os indivíduos apresentam para justificar a co-ocorrência do abuso de drogas e de comportamentos delinquentes. Na área do consumo de drogas, este tipo de análise tem conduzido à recolha de informações extremamente valiosas acerca dos factores associados ao uso de substâncias psicoactivas específicas.

Diversos estudos têm permitido identificar atribuições específicas relacionadas com episódios de consumo de álcool em adultos (Annis & Davis, 1989) ou com o uso de drogas em adolescentes (McKay, 1992). Os estudos sobre as atribuições relacionadas com situações de recaída tem inclusivamente permitido a elaboração de abordagens de tratamento, incluindo estratégias de prevenção da recaída (Marlatt e Gordon, 1985).

Tem-se igualmente assistido, particularmente na última década, ao aparecimento de abordagens de tratamento de problemas relacionados com o abuso de drogas que se centram, especificamente, na modificação de atribuições consideradas como exercendo uma influência crucial na manutenção do comportamento adictivo (e.g., Ellis et al., 1988).

Tendo presente este aspecto, procedeu-se na presente investigação à caracterização e análise da interrelação droga/crime, tomando como referência o exame das atribuições relativas ao uso de drogas e comportamento delincente numa amostra de reclusos provenientes de diversos estabelecimentos prisionais portugueses.

A anteceder tal análise, efectuou-se ainda uma caracterização global da ligação droga/crime, determinando a prevalência do consumo de diferentes tipos de drogas em função do tipo e natureza dos actos delinquentes. Uma informação global sobre os padrões habituais de consumo de álcool e factores associados à iniciação do consumo de drogas foi igualmente recolhida e analisada em função da prática ou não de actos delinquentes e do tipo de crime.

MÉTODO

Sujeitos

Participaram neste estudo 362 sujeitos que se encontravam reclusos em diversos estabelecimentos prisionais do país. (E.P. Porto, Paços de Ferreira, St. Cruz do Bispo, E. Guimarães, E. Braga, Tires, E.P. Lisboa, Vale de Judeus e Faro).

A metodologia a que se recorreu neste estudo baseou-se na realização de entrevistas semi-estruturadas conduzidas por técnicos de reinserção social com formação em psicologia.

Para tal, procedeu-se à elaboração de um guião de entrevista, estruturado em seis áreas fundamentais: a) identificação; b) dados socio-demográficos; c) situação jurídico-penal; d) consumos; e) comportamentos delinquentes e; f) atribuições.

O referido instrumento foi posteriormente examinado em reuniões entre responsáveis pela investigação e os técnicos do Instituto de Reinserção Social que participaram no estudo. Este procedimento destinou-se a examinar as diversas questões que integram o guião da entrevista do ponto de vista da sua clareza e adequação aos objectivos do estudo.

Aos técnicos que acederam em participar na realização das entrevistas, foi-lhes igualmente explicitado os pressupostos gerais e objectivos da actividade proposta bem como a sua inserção no âmbito deste projecto interdisciplinar.

RESULTADOS

Frequência de consumo

A primeira fase desta investigação procurou obter um quadro geral relativo à frequência de consumo de álcool e outras drogas

psicoactivas junto dos sujeitos nos vários estabelecimentos prisionais do país. Os resultados mostram que cerca de 71% dos sujeitos que constituíam esta amostra consumiam regularmente pelo menos uma substância psicoactiva ilícita em qualquer ponto dos quatro meses antes da detenção.

O uso de drogas na amostra foi, deste modo, elevado, com muitos sujeitos a referir um consumo cumulativo de várias drogas pelo menos uma vez por semana. As percentagens de uso para cada substância, oscilando entre o não consumo e o consumo diário, podem observar-se no Quadro 1.

Quadro 1.

PERCENTAGEM DE CONSUMO DE DROGAS NOS QUATRO MESES ANTES DA DETENÇÃO

	Não Consumo	< 1x/mês	1-3x/mês	1-2x/sem.	3-4x/sem.	diariamente
Álcool	53.7	5.2	2.1	4.3	5.6	29.0
Haxixe	60.6	8.3	3.0	4.6	7.0	16.3
Marijuana	92.6	2.5	1.2	1.2	0.0	2.5
Heroína	34.5	4.0	.9	2.7	3.0	54.8
Metadona	96.9	.9	.3	0.0	.6	1.2
Cocaína	56.0	8.6	2.5	8.6	3.6	20.6
Crack	98.8	.6	0.0	.3	0.0	.3
Estimul.	88.6	2.8	2.1	.9	1.2	4.3
Tranquil.	84.6	3.4	1.5	2.7	1.5	6.1
Inalantes	99.0	.6	0.0	0.0	.4	0.0
L.S.D.	95.7	2.5	.9	.3	0.0	.6

A heroína é a substância utilizada com mais frequência, com cerca de 55% dos sujeitos a recorrer ao seu consumo diariamente. O álcool é a substância mais utilizada a seguir à heroína, sendo consumido diariamente por cerca de 29% dos inquiridos. Refira-se, por último a elevada frequência de consumo de cocaína, com cerca de 20% dos sujeitos a relatar um uso diário.

Examinou-se, igualmente, a idade média da iniciação ao uso de drogas nos sujeitos nesta amostra a qual foi de 16.8 anos, oscilando a idade de iniciação entre os 8 anos e os 45. De notar igualmente que a idade em que ocorreu o primeiro contacto com a justiça difere, nesta amostra, consoante se considera os sujeitos que referem um consumo habitual de drogas e os indivíduos que não referem qualquer utilização de substâncias psicoactivas.

Assim, nos consumidores, a idade média referente ao primeiro contacto com a justiça é de 20.7 anos; nos não consumidores a idade média sobe para cerca de 28 anos. Estas diferenças mostraram-se altamente significativas ($t=8.561$; $p<.0001$).

Consumo de drogas e delinquência

Neste ponto do estudo procurou analisar-se a relação entre o consumo de drogas, o tipo de delito praticado, o tratar-se de um indivíduo primário ou reincidente bem como a relação entre o consumo de drogas e a existência de anteriores delitos/condenações.

No Quadro 2. descrevem-se os resultados obtidos relativamente ao tipo de delito praticado em função do consumo ou não de substâncias psicoactivas.

Quadro 2.

TIPO DE DELITO EM CONSUMIDORES E NÃO CONSUMIDORES DE DROGAS
(EM PERCENTAGEM)

Tipo de delito	Consumidor	Não consumidor
Violento	7.0	25.7
Propriedade	58.0	44.7
Relacionado c/ drogas	31.8	24.8
Outros	3.1	4.7

Como se pode verificar, a prática de crimes violentos é expressivamente superior nos sujeitos que não consomem drogas comparativamente com os indivíduos que referem um consumo habitual dessas substâncias (25.7% vs. 7%). Por outro lado, como seria aliás de esperar, a frequência de crimes relacionados com drogas, os quais incluem, essencialmente, situações de tráfego de droga, é mais elevada nos consumidores do que nos não consumidores. As diferenças observadas mostraram-se altamente significativas ($\chi^2= 24.98$; $g.1.=3$; $p<.001$).

Outro aspecto analisado no presente estudo diz respeito à relação entre consumo de drogas e o tratar-se de um indivíduo primário ou reincidente. No conjunto da amostra, 57.7% dos sujeitos eram primários e 42.3% reincidentes.

Quadro 3.

RELAÇÃO ENTRE CONSUMO DE DROGAS E A CONDIÇÃO DE PRIMÁRIO/REINCIDENTE
(EM PERCENTAGEM)

	Primário	Reincidente
Consumidor	50.7	49.2
Não consumidor	74.0	25.9

A inspeção do Quadro 3. permite concluir que as situações de reincidência são significativamente superiores nos indivíduos que consomem drogas, comparativamente com os não consumidores (49.2% vs. 25.9%). Este resultado não é surpreendente já que é plausível supôr que o utilizador de drogas se veja envolvido na prática sucessiva de crimes com o fim de obter meios destinados a manter os seus próprios consumos.

Este resultado é, aliás, congruente com os dados obtidos quando se analisa a relação entre o consumo de drogas e o número de anteriores delitos/condenações (cf. Quadro 4).

Quadro 4.

RELAÇÃO ENTRE O NÚMERO DE ANTERIORES DELITOS/CONDENAÇÕES E CONSUMO DE DROGAS (EM PORCENTAGEM)

Anteriores delitos/ conden.	Consumidores	Não consum.
Nenhum	37.3	65.3
Um	25.8	21.5
Dois	22.1	9.4
Mais que dois	14.8	4.2

Com efeito, os entrevistados que recorrem ao uso de substâncias psicoactivas apresentam, em comparação com os não consumidores, um número mais elevado de anteriores delitos ou condenações.

ATRIBUIÇÕES

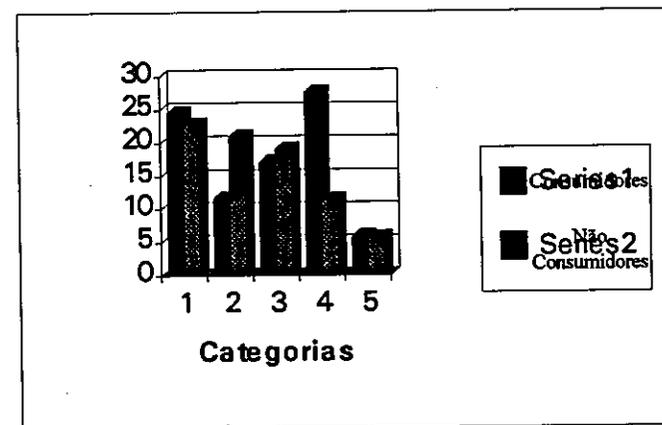
Com vista a uma identificação e exploração preliminar das atribuições dos sujeitos em relação ao uso de drogas e comportamento delincente procedeu-se a uma análise categorial de conteúdo das respostas.

Relativamente ao comportamento delincente procurou-se ainda diferenciar entre “atribuições gerais”, isto é, razões que o indivíduo apresenta para justificar aqueles comportamentos em termos abstractos e “atribuições pessoais”, baseadas nas percepções do sujeito acerca dos factores que determinaram o início e manutenção da actividade delituosa. Examinou-se, por último, as respostas dadas à questão da interrelação droga/crime. Em todos os casos, compararam-se as respostas dos sujeitos consumidores de drogas com as dos indivíduos não consumidores.

Convirá salientar que os dados obtidos em resultado desta análise têm, essencialmente, um carácter exploratório, não obedecendo a qualquer hipótese ou modelo teórico pré elaborado. Este aspecto afigura-se quase inevitável dado tratar-se da análise de um tipo de mensagens ainda pouco explorado na literatura.

Atribuições face ao uso de drogas

Na Fig.1 apresentam-se os resultados da análise categorial relativa às razões de iniciação ao uso de drogas nos consumidores e não consumidores de drogas.



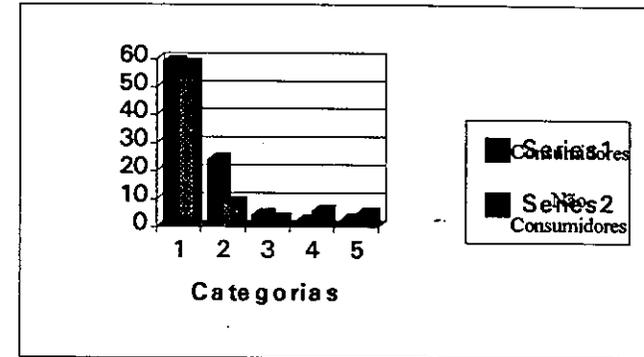
- 1- Pressão social
- 2- Emoções desagradáveis
- 3- Falta de apoio familiar
- 4- Curiosidade
- 5- Sensações agradáveis

Fig.1 - Atribuições gerais relativas à iniciação ao uso de drogas

A categoria 1, "Pressão social", inclui referências directas à influência exercida por amigos, grupo de pares, familiares, etc, no sentido do consumo de drogas. Algumas afirmações que traduzem as características da mensagem incluída nesta categoria são do tipo: "por incentivo dos amigos"; "por influência do meio em que estava"; "é numa de ganhar presença no grupo", etc.

A importância concedida a este tipo de razões na iniciação ao uso de drogas é basicamente a mesma nos consumidores e não consumidores. Pelo contrário, verifica-se uma tendência por parte dos utilizadores de drogas em sublinhar a importância da curiosidade como factor crucial de iniciação ao consumo. Os não consumidores, para além de atribuírem menor importância a este factor, enfatizam um tipo de explicação mais centrado nas emoções desagradáveis (utilização de drogas para escapar a emoções desagradáveis ou a problemas de diversa ordem).

Se examinarmos as respostas obtidas tendo por base os factores que contribuem já não para a iniciação mas para a manutenção do comportamento adictivo (Cf. Fig. 2), constata-se, em ambos os grupos, uma predominância das referências ao facto de ficar "dependente" ou "viciado" ou aos efeitos negativos (físicos ou psicológicos) sentidos no estado de abstinência os quais precipitariam o recurso às drogas (Categoria 1).



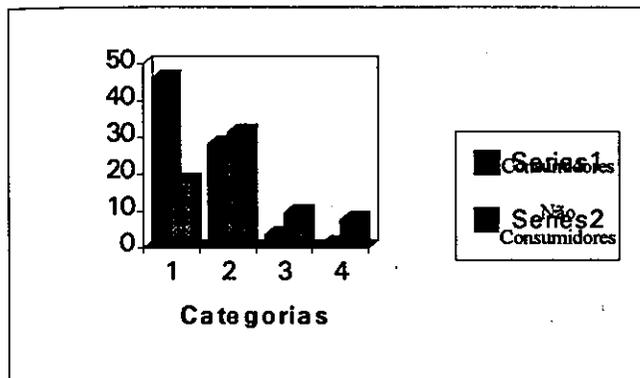
1- Dependência
2- Emoções agradáveis
3- Sensações desagradáveis
4- Pressão social
5- Características negativas da personalidade

Fig. 2 - Atribuições gerais sobre a manutenção do consumo de drogas

De realçar, igualmente, que, nos consumidores de drogas, são frequentes as referências que associam a manutenção do comportamento adictivo à procura de emoções ou sensações agradáveis ("porque é uma maravilha, é espectacular"; "pelo bem estar físico e psíquico"; "ficava bem disposto, nunca chegava a sentir-me dependente", etc.).

Atribuições face ao comportamento delinvente

A Fig. 3 fornece informação sobre os resultados da análise categorial sobre as razões gerais associadas à iniciação da actividade delinvente, nos consumidores e não consumidores de drogas.



- 1- Relação com uso de drogas
- 2- Necessidades económicas
- 3- Impulso para delinquir
- 4- Características negativas da personalidade

Fig. 3 - Atribuições gerais sobre a iniciação ao comportamento delinquente

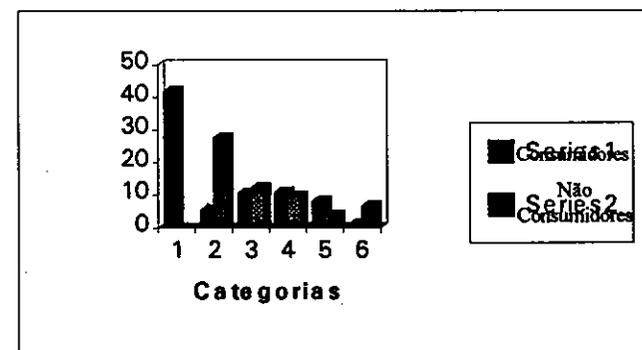
Como seria de esperar, há um predomínio de referências, nos consumidores de drogas, à prática de actos delinquentes que têm como objectivo a obtenção de meios para a aquisição de drogas ou a própria droga (nos casos de posse e em certos casos de tráfico). A Categoria 1 - "Relação com o uso de drogas" - inclui, deste modo, afirmações do género: "para conseguir dinheiro para adquirir droga"; "foi o facto de precisar de dinheiro para a droga"; "vendia para ter direito a uma dose para mim".

A segunda razão mais importante avançada para explicar o início da actividade delinquente é, em ambos os grupos, a que engloba todas as referências ao facto de se delinquir para se obterem bens ou lucros económicos necessários à sobrevivência, melhoria da qualidade de vida ou resolução rápida de problemas económicos (Categoria 2).

De notar, por último, a tendência evidenciada pelos não consumidores de drogas para valorizar o que poderíamos designar por atribuições internas para explicar a prática de actos delinquentes (Categoria 3 e 4), comparativamente com os sujeitos que referem consumir regularmente drogas.

Com efeito, a Categoria 3 - Impulso para delinquir - reporta-se ao facto de se cometerem actos delinquentes por "vício", "instinto" ou "características genéticas e exprime-se em frases como: "já me estava no grupo sanguíneo"; "acho que nasci com jeito para isto"; "é por maldade"; "têm o vício de roubar". Similarmente, a Categoria 4. Características negativas da personalidade - engloba as referências ao comportamento delinquente que sublinham aspectos negativos da personalidade do indivíduo, como por exemplo: "por estupidez"; "por inconsciência"; "ideias fracas"; "falta de força de vontade".

Particularmente interessante, revela-se ainda o confronto entre as razões gerais versus pessoais avançadas para explicar o começo da actividade delinquente (Fig.4).



- 1- Relação com uso de drogas
- 2- Necessidades económicas
- 3- Pressão social
- 4- Estados de consciência alterados
- 5- Aventura/fuga à rotina
- 6- Estímulos directos do meio

Fig. 4 - Atribuições particulares relativas à iniciação ao comportamento delinquente

Nos consumidores de drogas, sobressaiem as razões que associam o início da prática de actos delinquentes à obtenção de meios para a aquisição de drogas (cerca de 42% das respostas). Inversamente, a categoria “Necessidades económicas”, congrega a maior percentagem de respostas dos sujeitos não consumidores de drogas (cerca de 28% das respostas).

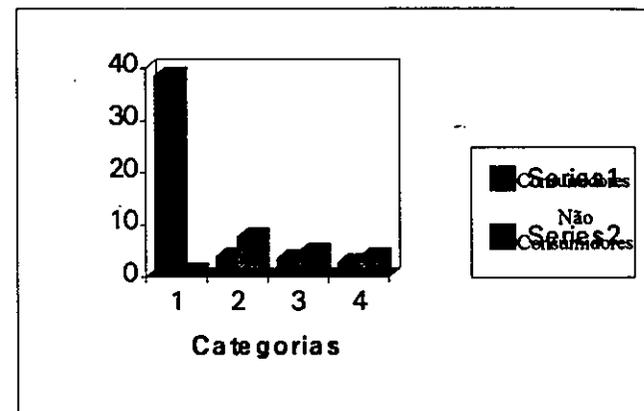
De realçar ainda a emergência de “novas” razões para justificar o início da actividade delinvente, entre as quais merece destaque a que associa a actividade delituosa à pressão resultante da convivência quotidiana num meio/comunidade em que “todos” praticam actos delinquentes (Categoria 3. Pressão social) a qual assume uma importância idêntica em ambos os grupos considerados.

O comportamento criminal é ainda explicado na sua relação com o efeito do álcool e drogas sendo, portanto, visto como uma consequência de estados de consciência alterados (Categoria 4), para cerca de 11% e 10% dos entrevistados, respectivamente, consumidores e não consumidores de substâncias psicoactivas ilícitas.

De notar, por último, as referências à prática de actos delituosos por espírito de aventura, gosto pelo risco, brincadeira ou fuga à rotina feitas por cerca de 8% dos sujeitos não consumidores de drogas (Categoria 5. Aventura/fuga à rotina).

Analisamos, por último, as razões aduzidas pelos entrevistados para justificar a manutenção do comportamento delinvente, diferenciado, à semelhança do que foi efectuado em relação à iniciação, entre as razões gerais e as razões particulares/pessoais.

A Fig. 5 mostra os resultados da análise categorial relativa às atribuições gerais sobre manutenção do comportamento delinvente.



- 1- Relação com uso de drogas
- 2- Falta de apoio social
- 3- Dificuldades de reinserção
- 4- Características negativas da personalidade
- 5- Impulso para delinquir

Fig. 5 - Atribuições particulares relativas à manutenção do comportamento delinvente

Registe-se, em primeiro lugar, o reduzido número de entrevistados que forneceu dados susceptíveis de uma análise desta questão. O facto de se procurar determinar as razões para a manutenção do comportamento delinvente teve como consequência a exclusão, à partida, dos sujeitos que nunca reincidiram. Verificou-se, por outro lado, num número apreciável de entrevistados, alguma dificuldade em se pronunciar sobre este assunto.

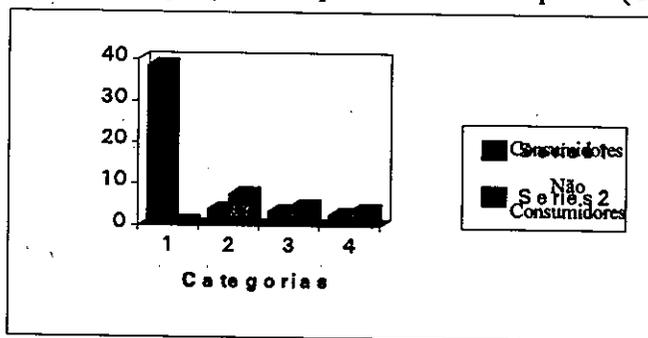
Tomadas no seu conjunto, as respostas obtidas tendem a explicar a manutenção do comportamento delinvente como resultado

quer da influência de factores externos (Categoria 2 e 3) ou internos (Categoria 4 e 5).

Nos consumidores de drogas, observa-se, mais uma vez, a tendência para explicar a persistência de comportamentos delinquentes, na sua ligação com a obtenção de meios para a aquisição de drogas (Categoria 1). De realçar ainda a referência, em percentagens idênticas em ambos os grupos, à inexistência de mecanismos de suporte/apoio social (Categoria 2) ou à marginalização a que um ex-recluso está sujeito (Categoria 3), como razões que podem explicar a reincidência.

Na linha do observado anteriormente, os não consumidores de drogas referem, com mais frequência que os consumidores, atribuições internas que vão no sentido de associar a prática recorrente de actos delituosos quer a características negativas da personalidade (Categoria 4) quer a um impulso para delinquir (Categoria 5).

Este tipo de razões desaparece, no entanto, quando os indivíduos são solicitados a indicar as razões que estão na base da manutenção do seu próprio comportamento delinvente (Cf. Fig. 6)

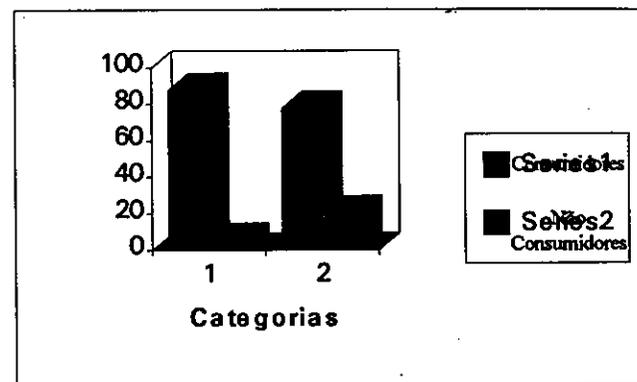


1- Relação com uso de drogas 3- Estados de consciência alterados
2- Pressão social 4- Necessidades económicas

Fig. 6 - Atribuições particulares relativas à manutenção do comportamento delinvente

Interrelação droga/crime

Na figura 7 indica-se a percentagem de respostas dadas pelos dois grupos de sujeitos à questão sobre a existência de uma eventual relação entre consumo de drogas e delinquência.



1- Obtenção de dinheiro para sustentar o consumo
2- Estados de consciência alterados

Fig. 7 - Atribuições sobre a relação droga/crime

Foram identificadas duas categorias fundamentais: a) a primeira, considera o comportamento delinvente instrumental no sentido de permitir ao toxicodependente a obtenção de meios para manter os seus consumos; b) a segunda, admite que a prática de actos delituosos poderá ocorrer em consequência das alterações nos comportamentos e visão do mundo induzidas pelo consumo de drogas.

As razões susceptíveis de serem englobadas na segunda Categoria (Estados de consciência alterados) são, como se pode observar, referidas com mais frequência pelos não consumidores de

drogas. Pelo contrário, os utilizadores de drogas tendem a concentrar as respostas no âmbito da Categoria 1.

DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo não constituem surpresa. A elevada prevalência de uso de álcool e drogas nas populações prisionais está claramente documentada em diversos estudos. Os dados desta investigação permitem, assim, corroborar a relação empírica entre uso de drogas e comportamento delinquente.

Os resultados indicaram, igualmente, que quer o tipo de crime quer o número de anteriores delitos praticados pelos sujeitos está relacionado com a condição de consumidor ou não consumidor de substâncias psicoactivas.

Têm sido inúmeras as especulações sobre as razões pelas quais se verifica uma co-ocorrência de comportamentos adictivos e delinquentes, sendo frequente defender a posição segundo a qual um tipo de comportamento exerce um efeito causal sobre o outro. Os dados obtidos neste estudo não se dirigem à determinação de relações de causa-efeito.

De facto, na ausência de dados longitudinais, a procura de relações causais não constituirá, seguramente, um esforço produtivo.

De qualquer forma, mesmo que não se aborde a questão do ponto de vista da causalidade, poderá ser útil tomar em consideração a sequência do desenvolvimento do abuso de drogas e comportamento delinquente. Algumas formulações que têm adoptado esta perspectiva (e.g., Patterson et al, 1989) sugerem que o comportamento delinquente obedece a um padrão de desenvolvimento em que o abuso de drogas constitui uma componente desse padrão. Esta conceptualização desvia-se da questão da causalidade, sublinhando, antes, a natureza sequencial e interrelacionada dos dois comportamentos.

Deste modo, desde que se verifique a emergência dos dois comportamentos, cada um teria tendência a influenciar o outro, conduzindo a um efeito em espiral para ambos os comportamentos.

Uma segunda questão examinada neste estudo prende-se com a análise das atribuições em relação ao abuso de drogas e comportamento delinquente. Tratou-se, basicamente, de identificar, recorrendo a uma metodologia qualitativa, as principais razões avançadas para justificar o uso de drogas e o comportamento delinquente.

Os sujeitos desta amostra evidenciaram uma tendência para atribuir o uso de drogas a razões positivas e de natureza interpessoal (em vez de internas) (Annis e Davis, 1989). Esta tendência foi mais marcada nos consumidores de drogas, evidenciando os não consumidores uma maior propensão para atribuir o consumo de drogas a razões negativas (e.g., emoções desagradáveis). Esta última constatação é comum às atribuições relativas à iniciação e manutenção do comportamento adictivo.

No que diz respeito às atribuições sobre o comportamento delinquente, observa-se uma maior discrepância entre as razões apresentadas pelos consumidores e não consumidores de drogas. Tal discrepância traduz-se no predomínio de razões que associam a prática de actos delinquentes ao uso de drogas, quando se trata de utilizadores dessas substâncias e numa tendência para sublinhar razões internas e negativas (“impulso para delinquir”; características negativas da personalidade), tratando-se de indivíduos não consumidores de drogas. Um aspecto interessante, refere-se ainda ao facto de este último tipo de razões desaparecer, virtualmente, quando se trata de justificar o próprio comportamento delinquente.

Torna-se difícil, devido à natureza dos dados obtidos, estabelecer conclusões seguras para orientar, nomeadamente, a intervenção psicológica com este tipo de população. Todavia, os

dados obtidos poderão constituir uma fonte de informação valiosa ao possibilitar, por exemplo, a elaboração de escalas susceptíveis de fornecer ao adolescente com problemas de comportamento e de abuso de drogas um perfil que forneça uma representação visual do modo como apreende e interpreta o seu comportamento adictivo e de transgressão.

BIBLIOGRAFIA

- BROCHU, S. (1991).** Consumption of alcohol, psychoactive drugs and drug-related crime among young offenders. Comunicação apresentada no 36th International Institute on the Prevention and Treatment of Alcoholism. Estocolmo, Suécia.
- FARRELL, A. D., DANISH, S.J. & HOWARD, C. W. (1992).** Relationship between drug use and other problem behaviors in urban adolescents. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 60, 705-712.
- FARROW, J. A. & FRENCH, J. (1986).** The drug abuse-delinquency connection revisited. *Adolescence*, 21, 951-960.
- JURICH, A. & POLSON, C. (1984).** Reasons for drug use: Comparison of drug users and abusers. *Psychological Reports*, 55, 371-378.
- KANDEL, D. B., SIMCHA-FAGAN, O. & DAVIES, M. (1986).** Risk factors for delinquency and illicit drug use from adolescence to young adulthood. *Journal of Drug Issues*, 16, 67-90.
- KARMEN, A. (1973).** The drug-crime syndrome. *Human-factor*, 25-43.
- NEIGHORS, B., KEMPTON, T. & FOREHAND, R. (1992).** Co-occurrence of substance abuse with conduct, anxiety, and depression disorders in juvenile delinquents. *Addictive Behaviors*, 17, 379-386.
- LEVINE, M. & SINGER, S. (1988).** Delinquency, substance abuse and risk-taking in middle class adolescents. *Behavioral Sciences and the Law*, 6, 385-400.
- MARLATT, G. A. & GORDON, J. R. (EDS.) (1985).** Relapse prevention: Maintenance strategies in the treatment of addictive behaviors. New York: Guilford Press.
- MCBRIDE, D. & MCCOY, C. (1981).** Crime and drug-using behavior. *Criminology*, 19, 281-301.
- MURPHY, R., MCGUIRE, J. & RIVINIUS, T. (1992).** Incarcerated adolescents' attributions for drug and alcohol abuse. *Addictive behaviors*, 17, 227-235.
- OGBORNE, A. (1974).** Addicts, their associations and behavior. *Social Science and Medicine*, 8, 557-563.
- REASONS, C. E. (1976).** Images of crime and the criminal: The Dope Friend Mythology. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 13, 133-144.
- STEPHENS, R. C. & ELLIS, R. D. (1975).** Narcotic addicts and crime analysis of recent trends. *Criminology*, 12, 474-488.
- SIMONS, J. F. & KASHANI, J. (1980).** Specific drug use and violence in delinquent boys. *American Journal of Alcohol and Drug Abuse*, 7, 305-322.
- WINDLE, M. (1990).** A longitudinal study of antisocial behaviors in early adolescence as predictors of late adolescent substance abuse. *Journal of Abnormal Psychology*, 99, 86-91.